

**O IMAGINÁRIO NA
CONSTRUÇÃO DA
REALIDADE E DO TEXTO
FICCIONAL**

CASTRO, Sandra de Pádua¹

¹ Mestrado em Estudos Literários (UFMG), Docente do SENAC Minas, E-mail: sandrapaduac@yahoo.com.br

RESUMO: Este artigo representa uma tentativa de legitimar os estudos de literatura, tendo como base os estudos de Wolfgang Iser, sobre o fictício e o imaginário. Partindo de conceitos sobre realidade e ficção, almejou-se identificar a função do imaginário e dos textos ficcionais na constituição das sociedades e da vida humanas. Por uma visão da literatura além de determinações culturais, históricas ou psicológicas, que poderiam reduzi-la a mera cópia, este texto buscou romper a dicotomia ficção / realidade, realçando a interdependência desses conceitos. Para isso foi efetuada uma analogia entre o processo de criação textual e de leitura e o de realização do imaginário como fundamento da realidade.

PALAVRAS-CHAVE: imaginário, realidade, ficção.

ABSTRACT: This article represents an attempt to legitimize the literature studies, having as base the studies of Wolfgang Iser, on fictitious and the imaginary. To leave of concepts on reality and fiction, it was longed for to identify the function of imaginary and the fictitious texts in the constitution of the societies and the life the human beings. For a vision of literature beyond cultural, historical or psychological determination, that could reduce it mere copy, this text it searched to breach the dichotomy fiction/reality, enhancing the interdependence of these concepts. For this an analogy was effected enters the process of literary creation and reading and of accomplishment of the imaginary one as basis of the reality.

KEYWORDS: the imaginary, reality, fiction.

Cumpre esclarecer que, para que ocorra a aceitação, precursora da compreensão, da existência de um imaginário como fonte ou energia deflagradora de materializações, de concretizações, tanto na ficção quanto na realidade, há que se romper, como afirma Wolfgang Iser (1996. p. 13) com o “o saber tácito (...) que opõe realidade e ficção”. Esta certeza da oposição, originada do que se vê como óbvio, tem raízes profundas na herança platônica e numa modernidade que divisava “luzes” unicamente na razão e declarava o imaginário como uma instância constitutiva de irrealidades, ficção e sonho.

“Três vezes afastadas do ser, aparências e nunca realidades”, a ficção é ainda considerada, por Platão, nociva ao homem e à república ideal. Segundo este filósofo, “toda arte imitativa realiza o trabalho que lhe é próprio a grande distância da verdade e é companheira e amiga daquela parte de nós mesmos que se aparta da razão, e isso sem nenhuma finalidade sã ou verdadeira” (s/d, p.223). No entanto, Platão mes-

mo, abre espaço, após expulsar os poetas de sua cidade *imaginária*, “àqueles de seus defensores que são amigos da Poesia, porém não são poetas” para que pleiteiem “a sua causa em prosa” e sustentem “que ela não só é agradável, mas útil para os regimes políticos e à vida humana” (p. 227).

Para responder a Platão ou expor meios e fins da ficção à vida humana, não há como prescindir de uma redefinição dos efeitos do imaginário sobre o real, e da ficção como realização e trânsito do imaginário. E isso é o que se pretende com este trabalho.

Ao retirar os atributos que definem a realidade contrapondo-a a ficção, retira-se justamente o que uma significa para a outra reciprocamente. Não se pretende, ao retirar a oposição, igualar quixotescamente as duas instâncias. Realidade e ficção não são opostos, mas são diferentes, interdependentes, complementares e principalmente intercambiáveis. Segundo Iser (1996), o que realiza a relação entre ficção e realidade é o imaginário através de atos de fingir que transgridem os limites de uma e outra e do próprio imaginário. É pertinente uma breve análise do conceito dessas instâncias, para que possamos entender como se relacionam e a importância disso para os “regimes políticos e para a vida humana”.

O imaginário, até então concebido como aquilo que existe apenas como produto da imaginação, e esta considerada uma “faculdade criativa do pensamento pela qual este produz representações de objetos inexistentes, não tendo, portanto, função cognitiva” (JAPIASSU, 1991, p. 129), não poderia despertar interesse para estudo, em uma época que se fecha em comprovações científicas para determinação de verdades. Castoriadis considera “espantoso que a imaginação (...) descoberta e discutida pela primeira vez há vinte séculos por Aristóteles” não ter adquirido seu lugar central na filosofia da subjetividade e afirma que o “imaginário social, imaginário radical instituinte, foi totalmente ignorado ao longo da história do pensamento filosófico, sociológico e político” (1999, p. 241). E isso aconteceu também ao longo dos estudos sobre a literatura, fato ainda mais surpreendente, uma vez que esta é uma instância privilegiada de recortes, condensações e verbalizações do imaginário.

Para Iser (1996), experimentamos o imaginário de modo difuso, informe, fluido e sem um referencial específico que o

objetifique. Mas, apesar de sua existência no estado difuso, ele é a condição para superar o existente e projetar o ainda inexistente. O Imaginário é similar a um espaço aberto que, sem indicar limites, permite a invenção do possível como prenúncio de uma outra realidade. Castoriadis afirma que somente “porque há imaginação radical e imaginário instituinte, que há para nós *realidade*, e esta realidade”¹ (p 242, 1999).

Mas o que é a realidade? Aquilo que existe efetivamente - responde-nos o Aurélio; e efetivamente quer dizer realmente. Fôssemos nos limitar a um pensamento dicionarizado seguiríamos perguntando até o fechamento do círculo tautológico. Mas, o real é visto como “tudo que pode ser apreendido na sua concretude” ou até mesmo como “aquilo que se nos apresenta com as feições do verdadeiro, provável, plausível e acreditável” (ROMERO, p 44, 1997). Caímos assim em questões subjetivas, dependentes da capacidade de apreensão de algo como concreto e acreditável, por um ou mais indivíduos, para que este algo se torne real ou irreal. No entanto, conforme afirma Schütz, “somos propícios a pensar de modo diferente sobre o mesmo objeto e podemos escolher qual o modo de pensar a que queremos aderir e qual ignorar. A origem e fonte de toda realidade, (...) sempre está, portanto, em nós mesmos” (in LIMA, p. 191, 1983). Dessa forma, também se presume a existência de várias realidades na formação de uma realidade social, cultural, nacional, planetária...

Mas somos racionalistas o suficiente para exigir provas que ratifiquem ou não a existência de algo como real, para admitirmos este algo como nossa realidade ou habitante dela. Há, ainda, para corroborar com a afirmação do que seja realidade, a questão do poder; a questão da sobreposição de realidades conforme interesses dos dominantes²: as realidades instituídas. Se o que denominamos realidade é, como disse Castoriadis, produto do imaginário, é sobre este que o poder

¹ A imaginação radical é a dimensão determinante da alma humana, e o imaginário social instituinte é o coletivo anônimo e, mais geralmente, o campo social histórico (CASTORIADIS, 1999)

² Dominantes que também são dominados, tanto ao instituírem o imaginário quanto pelo imaginário já instituído (CASTORIADIS, p 189, 1982).

atua. O imaginário é a instância onde se projetam, criam e também se forjam realidades. Neste sentido, podemos abstrair a definição de realidade como algo construído de acordo com uma intencionalidade (de um indivíduo ou de uma coletividade que detenha um poder para tal), a partir de uma seleção no difuso do imaginário. E que definição é essa, senão anteposta por Iser para a ficção? “A ficção é a configuração do imaginário” (1983, p. 379). É isso: ficção e realidade são formadas do mesmo material do imaginário e a realidade não é apreendida, e sim construída numa dinâmica incansável com o imaginário.

Diante de tal constatação, para não nos assemelharmos a Dom Quixote e tomarmos qualquer bacia como sendo o elmo de Mambrino, faz-se necessária uma definição mais pormenorizada da ficção e da relação desta com a realidade, pois existe uma fronteira entre elas que é “uma questão heurística e dependente da relação entre os membros de um grupo social” (PINTO, in <http>). Convencionaremos doravante, juntamente com Iser (1996, p. 34), a tratar o ficcional como o mundo do texto e a realidade como o mundo extratextual.

A ficção “provém do ato de ultrapassar as fronteiras existentes entre o imaginário e o real, mas mantém uma diferença constante quanto a eles (...) adquire predicados da realidade e guarda os predicados do imaginário” (ISER, p. 379, 1983). Ela transgride os limites entre uma e outra através de atos de fingir. O autor escolhe, sem prévias regras, elementos do real “de natureza sócio-cultural ou mesmo literária” e nestes seleciona os que serão transladados ou utilizados na ficção. O método, aparentemente simplista, pode nos conduzir ao equívoco da existência de uma mera cópia. No entanto, esta cópia dobra-se, curva-se à força do imaginário, e a seleção operada não se repete única nem passivamente no texto. Ao selecionar, campos são demarcados e trazidos à percepção. O que antes residia inerte, tomado como a própria realidade, é perspectivado “através da divisão destes campos de referência em alguns elementos que são atualizados pelo texto, enquanto outros permanecem inativos” (ISER, 1996, p. 17). A seleção opera, portanto, a percepção de partes alterando a visão do todo; o todo do texto e o todo da realidade.

Pelo ato de fingir, a realidade é repetida no texto e transformada em signo de uma outra coisa e esta repetição transformada é a própria configuração do imaginário. No texto ficcional é irrealizada a realidade e realizado o imaginário. E é o imaginário que deflagra a diferença que corrobora para a dinâmica de transgressões de limites e recriações, intra e extratextual. Segundo Iser (1996, p.16) as transgressões de limites provocadas pelo ato de fingir “representam a condição para a reformulação do mundo formulado, possibilitam a compreensão de um mundo reformulado e permitem que tal acontecimento seja experimentado”.

Antes de adentrarmos no terreno da experiência da recepção proporcionada pelo texto ficcional, *o como se*,³ vejamos como aqueles elementos selecionados, agora transgredidos, agem no mundo do texto, para que assim possamos visualizar, por analogia, a ocorrência no mundo extratextual.

Assim como, por atos de fingir, ocorre seleção e transgressão, também os elementos transgredidos continuarão a selecionar e transgredir na medida em que se associam com outros elementos. Esta etapa de atuação mais visível do imaginário, agora configurado e re-configurando-se, é chamada por Iser de combinação. O texto passa a ser o crisol que, pela química do imaginário, reposiciona e ressemantiza os elementos. Ao se combinarem criam “relacionamentos intratextuais” abrindo novas perspectivas com os elementos não escolhidos para a associação. De acordo com a intencionalidade do texto, “cada relação estabelecida altera a faticidade dos elementos e os converte em posições que obtêm sua estabilidade através do que excluem” (ISER, 1996, p. 20).

O que podemos observar, de acordo com a descrição de Iser da construção do texto, é uma repetição, em graus maiores

³ O mundo emergente no texto ficcional não se confunde com o mundo real. O *como se* serve para estabelecer equivalência entre algo existente e as conseqüências de um caso irreal ou impossível. O *como se* significa que o mundo representado não é propriamente mundo, mas que, por efeito de um determinado fim, deve ser representado como se o fosse. (ISER, 1996, p. 25).

de complexidade, da forma inicial utilizada pelo autor da ficção. Na primeira seleção, elementos escolhidos e não escolhidos estão no espaço da escrita e do real. A partir da segunda seleção, que é a combinação, estão, devido aos relacionamentos avocados, no espaço da escrita e da não-escrita ou do dito e do não-dito. "O relacionamento, como produto de um ato de fingir, é captável a partir de seus efeitos mostrados na língua, sem que a ela pertençam" (ISER, 1996, p. 22). A complexidade aumenta até que o texto se denuncia, se desnuda, "se dá a conhecer como ficcional" (ISER, 1996, p. 23).

Iser vê este desnudamento da ficcionalidade, oriundo de "convenções determinadas, historicamente variadas, de que o autor e o público compartilham" (1996, p. 23), como peculiaridade da ficção literária. O desnudamento é, portanto, o traço distintivo entre a ficção textual e as outras ficções – extratextuais. Estas também "desempenham um papel importante tanto nas atividades do conhecimento, da ação e do comportamento, quanto no estabelecimento de instituições, de sociedades e de visões de mundo" (1996, p. 25). Mas, é devido a sua peculiaridade, que o texto ficcional posiciona o leitor entre o mundo que foi referência para a ficção, o mundo "real" e o mundo representado, que não é e nem representa o mundo, mas o perspectiviza, cria contrastes, descortina a percepção e induz à comparação, ao *como se*.

A posição do entre, suspenso entre seu próprio mundo e um outro que é como se fosse, ou poderia ou deveria ser, possibilita ao leitor a experiência do não-ser, a experiência de irrealizar-se e, provisoriamente, realizar-se num outro. O mundo do texto possibilita "que por ele sejam vistos os dados do mundo empírico por uma ótica que não lhe pertence" (ISER, 1996, p. 28), mas que poderá pertencer ao leitor após a experiência.

O texto que se configurou pela realização do imaginário passa a requerer do seu leitor a capacidade de produzir o objeto imaginário por ele realizado, e o leitor o faz, da mesma forma que o autor na produção, através de atos de fingir. "Só conseguimos entrar em comunicação com o ficcional quando aprendemos a vê-lo como um todo que reclama o nosso imaginário" (LIMA, 1984, p. 61). O leitor penetra, pelo imaginário, também no que

não foi dito. Assim, conforme Ricouer, citado por Iser (1996, p. 81), do texto é captado o sentido e absorvido o significado, que é o “momento em que o leitor adota o sentido, isto é, quando o sentido age sobre a existência, produzindo efeitos”.

Agindo sobre o leitor, o ficcional, como trânsito do imaginário, atua também na realidade circundante do próprio leitor. O fragmento selecionado da realidade, até então estranho ou fora da percepção do leitor, uma vez que se encontrava imerso na suposta realidade, ganha agora, pelo imaginário, um novo enfoque, que também e, sobretudo, coloca em foco o não selecionado e o não dito. É a experiência do não-dito que configura, no ser e na realidade, o imaginário.

A formulação do não-formulado abarca a possibilidade de nos formarmos e de descobrir o que até esse momento parecia subtrair-se à nossa consciência. Neste sentido, a literatura oferece a oportunidade de formularmo-nos a nós mesmos, formulando o não dito [...] de constituirmos a nós mesmos constituindo uma realidade que nos era estranha. (ISER, 1999, p 82 e 93).

O mundo ficcional é uma oportunidade para romper os horizontes limitados de expectativas que o leitor possa ter do texto, do mundo extratextual e de si mesmo. Ao romper limites, o mundo ficcional amplia o espaço que ele mesmo preenche, para ser, ou podendo ser, novamente rompido. Um texto, dessa forma, torna-se um dinamizador do mundo extratextual. A república de Platão ou qualquer outra estaria condenada à inércia e conseqüentemente à morte, não fosse por este habitante.

REFERÊNCIAS

CASTORIADIS, Cornélius. *A instituição Imaginária da Sociedade*. Trad. Guy Reynaud. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. *Feito e a ser Feito: As encruzilhadas do Labirinto V*. Trad. Lílian do Valle. Rio de Janeiro: DP&A Editora., 1999.

ISER, Wolfgang. *O Ato da Leitura*. Trad. Johannes Kreschmer. São Paulo: Ed. 34, 1999.

_____. Os Atos de Fingir, ou o que é Fictício no Texto Ficcional. Trad. Luiz Costa Lima. In Lima, Luiz Costa. *Teoria da Literatura em suas Fontes*. Vol.II. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

_____. Problemas da Teoria da Literatura Atual: O imaginário e os conceitos chaves da época. Trad. Luiz Costa Lima. In Lima, L.C. *Teoria da Literatura em suas Fontes*, vol.II., Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

_____. *O Fictício e o Imaginário. Perspectivas de uma antropologia literária*. Trad. Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996.

JAPIASSU, Hilton e MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

JAUSS, Hans Robert. *A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária*. São Paulo: Ática, 1994.

LIMA, Luiz Costa. *O Controle do Imaginário. Razão e imaginação no ocidente*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984.

PINTO, Marcelo de Oliveira. *A escrita de histórias de Literatura e a questão da realidade*. Disponível em <http://www.filologia.org.br/soletras/9/01.htm>. Acesso em 08/07/05.

PLATÃO. *Diálogos III: A República*. Trad Leonel Vallandro. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

ROMERO, Emílio. *O Inquilino do Imaginário. Formas de alienação e psicopatologia*. São Paulo: Lemos Editorial, 1997.

SCHÜTZ, Alfred. *Dom Quixote e o Problema da Realidade*. Trad. Lima, L.C. In Lima, Luiz Costa. *Teoria da Literatura em suas Fontes*, vol.II.. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.